

Saber viver caboverdianamente: uma analítica do dispositivo da sexualidade em *Na roda do sexo*, de Fernando Monteiro.

Sinei Ferreira Sales¹

Resumo: As narrativas de *Na roda do sexo* (2009), de Fernando Monteiro, trazem uma dimensão bastante complexa do saber viver caboverdianamente, mostrando dimensões do universo familiar, do universo dos afetos e da dinâmica de gênero e sexualidade pouco exploradas pelo universo das literaturas africanas de língua portuguesa. Essas representações, ao mesmo tempo que reforçam a existência de um dispositivo da sexualidade regulador das dinâmicas populacionais, que investe sobre a vida como espécie e como corpo político, reforçam também a singularidade dessas ações, materializadas na forma de violências. Neste ensaio, abordou-se a violência de gênero, principalmente a que acomete mulheres à dominação masculina, a partir da leitura dos contos “Onde está Samira”, “Ponto-final” e “Descartável”, presentes na obra de Monteiro. O objetivo do ensaio foi demonstrar como há dois movimentos simultâneos, não excludentes, presentes na literatura caboverdiana que, simultaneamente, trazem novas subjetividades para o universo das representações literárias, tais como gays, lésbicas, travestis e mulheres emancipadas, mas que reforçam os tipos de violências, simbólicas e físicas, sofridas por aqueles que ousam ser diferentes. Ainda assim, convém mencionar que essa analítica do dispositivo da sexualidade, tal como enunciado por Michel Foucault, em sua *História da sexualidade: a vontade de saber*, dá suporte às análises literárias realizadas na interface entre Literatura e Sociedade, pensando em como esses dois sistemas de representações se implicam mutuamente.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana contemporânea. Violência de gênero. Fernando Monteiro. *Na roda do Sexo*. Dispositivo da sexualidade.

Introdução

A literatura cabo-verdiana, produzida nas duas primeiras décadas do Século XXI, destaca-se no conjunto da produção nacional por problematizar a constituição de novas identidades e de novas subjetividades que não as canônicas e hegemônicas. Nesse rol, Fernando Monteiro desponta com sua compilação de contos chamada de *Na roda do sexo*, publicada em 2009.

Em *Na roda do sexo*, temáticas vinculadas à violência de gênero e de sexo são atravessadas por questões sociais, constituindo um corpo estranho e abjeto à literatura caboverdiana e a um certo cânone das literaturas africanas de língua portuguesa. No entanto, as fraturas narrativas de Monteiro são espaços de excelência para a visualização de tensões sociais

¹Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo. Mestre em Letras na Universidade de São Paulo. E-mail: sinei.sales@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-1425-7830.

e de emergência de novos personagens no cotidiano, apagados por práticas hegemônicas e hierarquizações baseadas na recusa ao diferente.

Assim, Monteiro, revela-nos através de sua produção literária uma perversa dinâmica baseada nas hierarquizações sociais, consolidada por meio de discursos e práticas que são evidenciadas pelo dispositivo da sexualidade, tal qual analisou Foucault, em *A história da sexualidade: a vontade de saber*.

Posto isto, neste ensaio, objetivamos analisar a materialização desse dispositivo na sociedade cabo-verdiana, analisando a violência de gênero que decorre da fratura de instituições normativas como o casamento nas relações de afeto, de desejo e de consolidação de um modelo nuclear de família. Para realizar nosso intento, analisaremos os contos “Onde está Samira”, “Ponto-final” e “Descártavel”, os quais trazem em seus enredos a complexa atuação e existência de homens e de mulheres, cujos comportamento representam desafios às estruturas normativas.

Violência de gênero e o dispositivo da sexualidade na roda do sexo e do gênero

Michel Foucault, ao analisar os processos de subjetivação nas sociedades ocidentais, isto é, como os indivíduos se tornam sujeitos, identificou na célula familiar, em suas dimensões principais, isto é, nas relações entre marido-mulher e nas relações pais-filhos, o desenvolvimento do que ele chamou de dispositivo da sexualidade. Sobre esse dispositivo, afirmou:

O dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações cada vez mais global (FOUCAULT, 1988, p.99).

Essa arte de governar que investe sobre o corpo dos indivíduos como espécie e como sujeitos focou em alguns pontos específicos, como, por exemplo, “a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso” (FOUCAULT, 1988, p. 100). Cada uma dessas estratégias já não investia necessariamente naquilo que era proibido ou permitido, o lícito e o ilícito, mas sim em regras vinculadas às sensações do corpo, à qualidade dos prazeres, a natureza das impressões. O corpo passa a ser, dessa forma, uma empresa cuja economia dos prazeres vai ser controlada pelo dispositivo da sexualidade.

Nesse sentido, Michael Foucault apresenta algumas personagens que surgem no seio familiar, graças aos investimentos sobre os corpos e sobre os prazeres de seus constituintes:

Aparecem, então, estas personagens novas: a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada por obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica ou neurastênica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher (FOUCAULT, 1988, p.106).

Esse modelo de família que surge ao longo do século XVIII e XIX estrutura-se como paradigma para as relações entre homens e mulheres e para a constituição de sujeitos recebendo algumas críticas ao longo desse percurso, mas é a partir da década de 1960, em decorrência dos movimentos de contracultura e de uma herança teórico-política dos marxismos, que esse modelo tem sofrido críticas mais contundentes.

Desse modo, os mecanismos do dispositivo da sexualidade que investem seus instrumentos de saber-poder sobre a família e seus integrantes passam a ser denunciados e rejeitados: repressão, individualização, racialização e sexismo são vistos como marcas de um conservadorismo cultural.

Ainda podemos seguir as trilhas de Pierre Bourdieu e identificar as bases desse conservadorismo no instinto de conservação da dominação masculina, estabilizada no binômio violência e virilidade, que submete todos aqueles não identificados com o masculino:

Em oposição à mulher, cuja honra, essencialmente negativa, só pode ser defendida ou perdida, sua virtude sendo sucessivamente a virgindade e a fidelidade, o homem "verdadeiramente homem" é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da vulnerabilidade da honra, da h'urma (o sagrado esquerdo feminino, oposto ao sagrado direito, masculino), sempre expostas à ofensa, as mulheres são também fortes em tudo que representa as armas da fraqueza, como a astúcia diabólica, thah'raymith, e a magia. Tudo concorre, assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade. É esta que leva, paradoxalmente, ao investimento, obrigatório por vezes, em todos os jogos de violência masculinos, tais como em nossas sociedades os esportes, e mais especialmente os que são mais adequados a produzir os signos visíveis da masculinidade e para manifestar, bem como testar, as qualidades ditas viris, como os esportes de luta. (BOURDIEU, 2010, p.64-5)

Na continuidade de sua exposição, Bourdieu conclui que “a virilidade é uma noção relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino” (BOURDIEU, 2010, p. 67). Os impactos deste medo materializam-se na forma de violências físicas e simbólicas.

A complexidade dessa dinâmica da dominação masculina ganha contornos espessos na obra *Na roda do sexo*, de Fernando Monteiro, publicada em 2009. Essa reunião de doze contos – onze em língua portuguesa e um em língua crioula – tem como fio condutor as tensões entre masculinidades e feminilidades, bem como os conflitos com novas identidades de gênero. Sobre essas tensões na obra de Monteiro, Mário Lugarinho, em sua tese de Livre Docência, afirma que:

os contos de Monteiro propiciam a certeza de que as mutações, fragmentações identitárias podem abrir maneiras de revisão dos estereótipos sobre os quais nos constituímos na medida em que a contingência e a impossibilidade são os operadores da realidade e do real que a narrativa busca representar (LUGARINHO, 2012, p.186).

O pesquisador brasileiro é bastante feliz por, em sua modalização, observar que as tensões e fragmentações identitárias possibilitam a emergência de novos operadores da realidade. No entanto, convém lembrar, que as forças centrípetas e centrífugas² concernentes à estruturação da realidade local, aparecem com força também nas narrativas de *Na roda do sexo*: são narrativas de temáticas extremamente inovadoras no contexto das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, mas há ainda uma forte moralidade que cerceia e que permeia os objetos representados nessa obra.

Podemos ilustrar esse fato lendo o conto “Onde está Samira”. A personagem que nomeia o conto, Samira, tem sua vida história apresentada por um narrador onisciente intruso que, não contente apenas em conduzir o olhar do leitor ao longo da narrativa, faz juízo de valores acerca da atuação dela e de outras personagens femininas. Nesse sentido, a cena que abre o conto é uma espécie de antecipação e justificativa para o fim trágico de Samira que apenas segue os determinismos que lhe condicionavam o meio no qual nasceu. Sua mãe, Maria, não contente

²Em Cabo Verde, a natureza insular do país, ao mesmo tempo em que abre as fronteiras para os múltiplos movimentos que vem de fora, trazendo inovações, percebemos também um núcleo duro bastante conservador. Dizemos, portanto, que existem duas forças atuando na composição da sociedade local, uma vez que as inovações no campo das identidades são evidente, mas ainda assim, essas inovações são confrontadas com o conservadorismo legado pelo conservadorismo herdado do período colonial.

apenas em criar seus três filhos, tem de cuidar dos filhos de sua prima. A culpa disso, o narrador atribui ao não controle de sua predisposição aos prazeres da carne.

Pobre e com poucos recursos, vive em uma situação-limite, vivendo em uma pobreza extrema:

Se Maria enfrentava sérias dificuldades de vida, uma das principais era, com certeza, alimentar sete bocas certas e, às vezes, mais uma suplementar, do seu homem ocasional, que nisso ela também só tinha a sorte de conseguir trabalho sazonal. Muito raras vezes, as crianças tinham o privilégio de quebrar o jejum e quando isso acontecia, o acepipe resumia-se a uma bolacha de farinha de trigo com uma bolacha de farinha de trigo com uma aguada a simular sumo (MONTEIRO, 2009, p.110).

Essa situação degradante, leva os filhos de Maria, incluindo Samira, a tentarem ganhar a vida da forma que melhor lhes conviessem, tirando a escola do horizonte de existência, perpetuando, assim, um ciclo de dominação e de pobreza: “Embora não tivesse razão, o fato é que nenhum dos filhos entro na escola” (MONTEIRO, 2009, p.110). A solução encontrada, desde muito cedo, pelos filhos de Maria foi a prostituição e o tráfico de drogas. Abaixo, percebemos o comportamento da mãe diante da atuação dos filhos na marginalidade:

Enquanto lhe levasse dinheiro, Maria não se importava com a forma como o mesmo era ganho. Mas, no dia seguinte, haveria de acompanhar a filha ao Platô para ter uma conversa séria com o Xico. Ele não podia explorar assim a filha (MONTEIRO, 2009, p.112).

Xico, o traficante que agenciava Samira como distribuidora de drogas, recebe Maria para um diálogo sobre a atuação da pequena no tráfico. A mãe, contrariando as expectativas sobre seu papel social, tenta negociar com Xico o aumento do lucro da filha na participação da venda de drogas. Meio a meio, sugere a divisão dos lucros para Xico e para a filha, mas é prontamente rechaçada. Com o passar do tempo, Samira lucra muito mais do que essa divisão pois, astuciosa, cai nas graças de Xico, ganha projeção no negócio empreendido pelo bando. No entanto, isso ainda estava aquém do que ela considerava adequado para si.

Visionária, associa-se a outro traficante, Raboporco, que era líder de um bando bastante violento. Essa aproximação se deu também no nível afetivo e amoroso. Samira, chamada por vezes Sa pelo narrador, demonstrando uma aproximação íntima, não suportava que seu amante tivesse outras mulheres e que mantivesse uma rede de prostituição. Ao não ser atendida em seus

apelos, encabeça um plano de vingança que desestabiliza todo o bando. Forja uma série de situações para que o amante fosse preso, com isso, passa a tomar de conta dos negócios juntamente com seus irmãos. Samira usava sua inteligência, corpo e talento para conseguir atingir seus intentos.

Interessante notar que, mesmo diante da evidente habilidade da jovem Samira para as artes ilícitas, o narrador a subjuga e reforça sua aptidão para o sexo:

(...) Sá não se decidia nem pela prostituição nem pelas drogas. As vantagens, num e noutro negócio, sobrepunham-se às desvantagens - aliás, sunca sopesavam os prós e os contras, valia era mesmo ser otimista e confiar em que tudo medrava e prosperava, sem contratempos. Sentia uma certa inclinação para a prostituição, sobretudo desde que aqueles quatro cavalões a violaram na Várzea (MONTEIRO, 2009, p.116-7).

Convém notar como a correção do destino de Samira, isto é, o de fêmea que satisfaz os desejos mais instintivos do homem, vem justamente da violação de seu corpo. O estupro atua, aqui, como uma ação corretiva reordenadora do lugar que Samira deveria ocupar na dinâmica de gênero e sexo local. Almejar funções que demandassem aspirações e trabalhos intelectuais era pouco desejável, quando o que fazia de melhor era o sexo.

Quase todos os contos que trazem figuras femininas como personagens centrais tematizam ações violentas por parte de homens que visam defender sua honra e subjugam mulheres, tanto no âmbito público, quanto no privado: ameaças, agressões físicas, constrangimentos e abusos sexuais, estupros, assédio moral ou sexual e relatos de assassinatos são temáticas recorrentes.

Desde a década de 1960, o movimento das mulheres tem reivindicado punições severas a quem prática toda sorte de violências que tem por base a diferença sexual e de gênero (BLAY, 2003). Recentemente, ampliou-se a ideia de violência contra a mulher para a violência de gênero, pois, estruturalmente, a violência se dá não apenas nas relações homem-mulher e nem sempre as mulheres são as vítimas nas práticas de tais ações. Com essa ampliação conceitual, práticas antes normalizadas, como as violências exercidas no âmbito doméstico passaram a receber tratamento diferenciado.

Ainda que seja difícil enquadrar determinadas práticas na categoria de crime, já é uma mudança de perspectiva para a desnaturalização de violências, como nos âmbitos familiar, escolar e trabalhista. Como por exemplo, nos casos em que crianças são expostas a situações

vexatórias em instituições escolares, a obrigação moral que algumas pessoas se veem de ter relações sexuais com seus parceiros, ainda que não desejem. Destacam-se, de qualquer forma, entre as violências de gênero os homicídios, principalmente de mulheres. Isso se verifica, por exemplo, no conto “Ponto-final”.

Neste conto, o narrador em terceira pessoa faz uso da plurissignificação que a expressão “ponto-final” carrega para apresentar-nos a vida de Jô-Ana: “Jô-Ana sempre foi uma ótima aluna. Desde que entrou para a escola primária, aos seis anos, ela nunca repetiu um ano. Pelo contrário, passava de ano sempre com boas notas (MONTEIRO, 2009, p.53). O narrador ainda nos mostra como a garota perseguia obstinadamente a confiança em uma formação acadêmica de qualidade que lhe garantisse ascensão social a si e as mulheres que lhe criaram: a avó e a mãe.

Sem a figura paterna e sem um modelo de família tradicional, percebemos como a tese de Celeste Fortes (2013) se sustenta por demonstrar uma dinâmica bastante particular na constituição das famílias em Cabo Verde:

Jô-Ana comungava também desse sentimento e a sua opção por ciências resultava de sua determinação em vir a ser médica, não para praticar os ensinamentos de Hipócrates mas, fundamentalmente, para ganhar dinheiro, e muito dinheiro, ganhar estatuto econômico e social ser mais alguém do que pai e qualquer dos outros seus filhos. Enfim, procurava um novo bilhete de identidade para, um dia qualquer exibi-lo ao pai e aos meios-irmãos, fazê-los sentir diminuídos, enxovalhados e, sobretudo, arrependidos por terem abandonado aquela jóia de menina, muito inteligente e muito popular, porque bastante valiosa para muita gente (MONTEIRO, 2009, p.54).

A necessidade da garota se afirmar como sujeito político, em decorrência das projeções das mulheres que a educaram, fazem com que os valores morais que estariam vinculados às instituições sejam, de certa forma, barreiras para que, triunfando uma das mulheres, triunfassem todas. Isso se reflete, por exemplo, na caracterização que o narrador faz da garota que, pelo excesso de responsabilidade que lhe atribuem ela fosse desprovida de vaidades características a idade:

Em nome da verdade, Jô-Ana era um símbolo perfeito de uma mulher precoce - responsável, respeitável, segura e determinada, longe, portanto, do perfil dos jovens de sua geração. Aos 16 anos de idade, feitos aos 12 de Dezembro, excluindo o físico que era de uma menininha de 13-14 anos, pois, era Jô-Ana

baixinha e magrinha, muitas mulheres de nossa terra gostariam de ter a maturidade, a personalidade de Jô-Ana (MONTEIRO, 2009, p.55)

A credibilidade e o reconhecimento conquistado pela jovem garota, de certa forma, seria o que lhe garantiria apoio das pessoas que orbitavam a família alargada constituída pela avó e pela mãe de Jô-Ana e, conseqüentemente, pelo Estado. Celeste Fortes (2016) é categórica ao afirmar que, por mais que tentem implementar o modelo nuclear familiar, centrado na figura do pai, há resistências a esse modelo com as configurações locais que não correspondem à moralidade burguesa:

a mobilização destes recursos envolve um conjunto mais vasto de redes de apoio e de relações, que mostram que se uma geração – pais, por exemplo – encontra-se numa posição social considerada baixa, já a geração dos filhos, pode ascender socialmente, pela via da educação (FORTES; DIAS, 2016, p.16).

No entanto, o que as mentoras de Jô-Ana não contavam é que a garota seria assolada pelos hormônios e pelas transformações e desejos típicos à adolescência. Ao corresponder às investidas afetivas do jovem Ravi, não contava com a paixão avassaladora que lhe ocasionaria o seu fim trágico:

Pela primeira vez namorou, tremeu de desejo nos braços de um homem. Nunca tinha experimentado algo tão maravilhoso, tão extraordinariamente maravilhoso, que julgou ser atingido, nessa noite, o píncaro dos prazeres (MONTEIRO, 2009, p.56).

A descoberta do sexo e da sexualidade representou para Jô-Ana a fratura com o universo idealizado para ela por sua mãe e avó. No processo de educação, não apenas escolar, mas também dos desejos e dos afetos, criou-se um corpo assexuado que, ao se ver livre das amarras, descobriu que poderia fazer muito mais do que apenas almejar uma ascensão de classe. Apaixonada, descobre que, independentemente das configurações ideais de corpo, o acesso ao sexo e aos prazeres da carne era o que lhe possibilitava acessar espaços recônditos desconhecidos por ela até aquele momento.

Para explicar quem era o rapaz que havia despertado em Jô-Ana a sua consciência corporal e sexual, o narrador faz uma breve digressão, descrevendo o jovem Ravi, rapaz que se destacava pela beleza física e pelo seu caráter viril. Além disso, ainda ancora temporalmente a

narrativa em fins da década de 1970, momento interessante para as mudanças nas dinâmicas de gênero e de sexo nas sociedades ditas ocidentais. Essa mudança no comportamento de Jô-Ana, faz com que ela se fragmente e se divida em duas figuras, uma antes e outra depois da descoberta do erotismo.

Essa fragmentação, que já distingue a personagem em seu nome, marca também uma ruptura com os padrões da idealização amorosa e do Romantismo tão difundidos pelos objetos culturais em nossa sociedade. Acerca disso, Jurandir Freire Costa aponta:

Na época atual, os elementos que garantiam a solidez do romantismo amoroso entraram em decadência. A família, o pudor, a vergonha, a repressão sexual, o respeito pela intimidade, a sacralidade do matrimônio, o objetivo da reprodução biológica, a dissimetria entre homens e mulheres no que concerne à liberdade sexual etc., todos esses elementos, que aureolavam o amor romântico, estão definindo em uma velocidade vertiginosa. No lugar, a sociedade de consumo entronizou o culto ao corpo, aos prazeres físicos, à liberdade de procriar fora das relações conjugais, a ingestão de drogas extáticas, a liberação sexual e, principalmente, a repulsa ao sofrimento. Ora, o amor-romântico, que surgiu como uma reação “humanizada”, terna e autêntica ao cinismo das artes da sedução de Corte, se vê, agora, destronado por alguma coisa semelhante aquilo que ele próprio ajudou a demolir. Se existe um parentesco entre a moral amoroso-sexual atual e alguma outra moral semelhante é, seguramente, com a prática da sexualidade de Valmont e da marquesa de Meurteuil, e não de Tristão e Isolda ou Romeu e Julieta, como imaginamos. Com uma diferença, é óbvio: os nobres do Antigo Regime não interpretavam a “libertinagem” em que viviam como algo “essencialmente elevado moralmente”. Ao contrário, sabiam que a regra da sedução era um puro jogo destinado a defender a fama e a reputação de quem era candidato ao posto de maior conquistador. Hoje, justificamos comportamentos semelhantes, em nome do respeito contrito ao nosso desejo e ao “Bem do Amor” (COSTA, 1992, p.25-6).

Essa transição pela qual passa Jô-Ana é também um reflexo da transição pela qual as mulheres, não apenas nas ilhas de Cabo Verde, mas também em outros espaços no chamado Ocidente, em razão das conquistas das reivindicações por igualdade de oportunidades e a legitimação de direitos básicos. O que Jô-Ana não contava é que a transgressão ao ordenamento simbólico do amor romântico que silencia corpo e desejo feminino lhe causaria muitas dores, violências simbólicas que lhe atravessariam a vida e poriam, como anunciado pelo título do conto, um ponto-final em tantas transgressões. Talvez, uma das maiores tenha sido o momento de constatação da comunidade escolar de que a pureza da garota havia se perdido em universo de luxúria:

"O que interessa é ter tesão no grelo, o resto é apenas acabadura". com esta frase, as pessoas mais céticas quanto á manutenção da virgindade da Jô-Ana, tiveram nela um aliado de peso: significava, inequivocamente, que a moça já tinha experimentado o gosto indelével do pecado. Para os outros, isto também era evidente. Ninguém falaria, com convicção, sobre o que desconhecia. Entretanto, para a maioria dos alunos, a frase não espantava, pois, o comportamento da Jô-Ana indicava, claramente, o caminho do sexo e da luxúria (MONTEIRO, 2009, p.69).

O narrador, como é possível perceber no excerto acima, vacila entre apresentar a cena e os juízos de valor sobre o comportamento “indigno” da personagem, bem como na tessitura de opiniões e valorações acerca daquele comportamento. Algo bastante recorrente ao longo da obra de Fernando Monteiro e que, ao nosso ver, demonstra uma flutuação acerca da inovação temática no contexto da Literatura Cabo-Verdiana, mas que transparece nas superfícies do texto a moralidade no tratamento de comportamentos, de corpos e de desejo considerados inadequados e desviantes das normas sociais.

Isso é possível perceber, pois o conto termina de modo trágico, exemplarmente marcando que a ruptura com ordenamento de gênero e sexual traria à personagem uma punição exemplar. A moralidade por trás dos comentários que se dividiam entre a admiração das garotas de sua idade, que almejavam descobrir os prazeres que o corpo lhes proporcionaria, aliado aos comentários maledicentes que julgavam e condenavam tamanha liberdade da garota ganharam novos rumos quando Jô-Ana e Ravi foram flagrados durante um ato sexual em lugar público, bem no primeiro dia de aulas daquele que seria o último ano de educação básica e que marcaria a passagem da garota para o ensino superior:

No dia seguinte, Jô-Ana não conseguiu aguentar a troça de que era alvo, as piadas que lhe dirigiam e os comentários, mais ou menos claros e os nomes que lhe chamavam, de entre os quais um ("vaquinha da Achadinha") que, desde logo, passou a odiar.

Para fugir à afronta, ficou o resto da semana em casa, a curar uma doença inexistente. O mal era de ordem psicológica, porque o episódio do primeiro dia de aulas marcou-a profundamente, vuliu fundo com a estrutura da miúda, que só então se deu conta da dimensão exata das suas leviandades, só então ganhou consciência das monstruosidades de seus atos e, especialmente, das consequências do seu comportamento, sobretudo para com a família (MONTEIRO, 2009, p.73)

A violência simbólica a que fora acometida fez com que a punição por suas transgressões fosse maior do que a jovem garota pudesse aguentar. Aos poucos, voltou a se comportar de modo discreto, apagado e sem o viço que conquistara ao descobrir-se senhora de seu próprio corpo e do desejo.

Sobre as mazelas causadas pela violência simbólica, Pierre Bourdieu, em *A dominação masculina*, afirma:

Ao tomar "simbólico" em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender "simbólico" como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente "espiritual" e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2010, p.46).

Por mais que os modelos de família em Cabo Verde não correspondam a um padrão tradicional, como aponta Celeste Fortes, a base em que se sustenta é ainda o patriarcal. De modo que, a manutenção do universo simbólico a que Jô-Ana deveria corresponder para não sofrer as sanções por não atender às expectativas geradas por sua família, depende de um comportamento ideal para as mulheres que na correlação de forças no universo masculino, sempre recebem o impacto físico das experiências subjetivas, como aponta Bourdieu e como verificamos na mudança de comportamento da heroína do conto.

A impossibilidade de se realizar afetivamente, acaba sendo valorada também por uma apreciação negativa acerca de Ravi, o motivador da desgraça não poderia sair sem carregar as máculas por ter desgraçado a vida de uma jovem pura:

é claro que a prisão de Ravi ajudou-a, e muito, nessa reforma. O ter-se revelado uma pessoa sem caráter, um bandido, um mulherengo e gay, foi o bingue-bangue para o ódio que Jô-Ana passou a nutrir por ele, a ponte de valer zero na escala de valores da neta de Nha Bia Vaz (MONTEIRO, 2009, p.76).

Nota-se que a moralidade presente no discurso do narrador busca construir uma imagem de degeneração moral e, assim, justificar o desvio do caminho de retidão e justiça na qual Jô-

Ana se encaminhava por ter sido seduzida por um marginal, mulherengo e gay. São posições de anulação social que visam a mascarar o desejo e a liberdade dos corpos que estão submetidos a padrões quase impossíveis de serem atingidos por adolescentes que tentam descobrir o que pode um corpo, para além das amarras sociais.

Justificada então a anulação social da mulher “Jô-Ana”, já que quem lhe causara mal estava preso, restava a ela seguir o ordenamento da vida dita normal. Algo difícil inclusive de acontecer, já que a garota estava grávida (em segredo), por vezes, confundido com outros males que a levaram a definhir.

O ponto final da vida de Jô-Ana se deu quando faria um exame escolar, a fim de conseguir nota para fechar o ciclo escolar. Entrara em trabalho de parto e teve de ser levada às pressas ao hospital, falecendo no início da noite:

A hora em que cessa a vida de Jô-Ana, uma estudante de apenas 17 anos de idade. Complicações do parto, originadas por uma gravidez não controlada, não seguida por um médico, puseram ponto final na vida de Jô-Ana (MONTEIRO, 2009, p.78).

Como símbolo da transgressão aos ordenamentos, Jô-Ana deixa para sua família uma herança maldita: o filho dela e de Ravi sobrevive às complicações do parto. Por fim, aos amigos de escola e a professora, restaram-lhes a memória de alguém surpreende, de alguém que ousar romper com os ordenamentos impostos, mas nem um remorso pela violência simbólica a que imputaram a garota.

Na sequência do livro, o conto que segue a “Ponto-final” é “Descartável”. Outro conto narrado majoritariamente em terceira pessoa, mas que conta com as apreciações em primeira pessoa do narrador, que se coloca, muitas vezes, de modo intruso. Neste conto, a temática da violência de gênero e da violência simbólica também atuam como norteadoras da história.

Temporalmente ancorada em meados de junho de 1999, o enredo se desenvolve a partir da revelação da gravidez da protagonista, Catarina, de apenas doze anos, para a sua família, causando espanto e comoção. Valendo-se de uma relação quase paranomástica, o narrador joga com as palavras gravidez e gravidade:

Catarina tinha doze anos quando a notícia caiu como uma bomba no seio de sua família – estava grávida de quatro meses. Tinha mesmo doze anos, três meses e dezoito dias completos, quando um vizinho, à hora do jantar, do dia 21 de junho de 1999, anunciou a gravidez de Catarina. Havia uma semana que

andava às voltas com tão angustiante notícia, sem se descobrir, mas era perante a gravidade do caso, não a podia omitir, o que equivaleria a encobrimento de um crime. Sendo Catarina uma menina menor, não ficava direito não comunicar isso aos vizinhos (MONTEIRO, 2009, p.81).

Da cena reproduzida acima, três elementos nos chama a atenção: a primeira é a idade de Catarina, a segunda, o ano em que a gravidez é anunciada e, a terceira, a necessidade de anunciar aos vizinhos a gravidez da garota.

O caso de Catarina chama a atenção para a iniciação sexual precoce e os consequentes riscos gerados à vida da mãe e do feto, em uma gravidez de risco. Ferreira (2015), ao analisar os dados estatísticos acerca da saúde da mulher divulgados por órgãos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde apontou que:

Segundo dados do Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva da Unicef (2009), cerca de 1/4 das jovens com idade até aos 15 anos são casos de gravidez na adolescência – em Cabo Verde a gravidez na adolescência ocorre entre os 15 e os 19 anos idade e está diretamente relacionada com a constituição demográfica dos concelhos – o aumento do número de casos deste tipo deve-se ao crescimento populacional. Concluindo que a ilha com mais percentagem de mães adolescentes é a ilha de Santiago seguido da ilha de S. Vicente. Estatisticamente falando, o número total de casos de gravidez em Cabo-Verde registados ocorre com maior frequência na faixa etária jovem, sobretudo nas ilhas de Santo Antão – a vila de Ribeira Grande de S. Antão, em que 46% dos casos de gravidez ocorrem em idade adolescente; a freguesia do Paúl, com 38% dos casos; e o concelho de Porto Novo com 31% –, Santiago e S. Vicente (FERREIRA, 2015, p.65).

Ou seja, a situação de Catarina é uma questão de saúde pública, que reflete a situação de outras crianças e adolescentes em Cabo Verde. Práticas educativas que visavam a sanar este problema são elaborados e estabelecidos apenas a partir da Segunda República. Essas políticas públicas encabeçadas pelo Estado, com ajuda da OMS, tinham como objetivo enfrentar as altas taxas de mortalidade por causas evitáveis. Vilela, Lima e Vieira (2018) sobre essas práticas apontam:

Uma das primeiras ações neste sentido foi a criação do programa de Proteção Materno Infantil /Planejamento Familiar e Programa Alargado de Vacinação, PMI/PF/PAV. Em 2001, seguindo a Plataforma de Ação da IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, CIPD, o PMI/PF/PAV foi ampliado visando atingir adolescentes, jovens e homens adultos, passando a chamar-se Programa Nacional de Saúde Reprodutiva, PNSR3. Para tanto, foram implantados serviços amigáveis de saúde reprodutiva para adolescentes

e jovens, os Centros de Saúde Reprodutiva, CSR; temas de saúde sexual e reprodutiva, SSR foram incorporados às ações educativas realizadas nas comunidades e Centros de Juventude, e tópicos voltados à educação sexual foram incluídos nos currículos escolares (VILELA; LIMA; VIEIRA, 2018, p.3632).

Certamente, essas ações serviram para mitigar e revolucionar o cotidiano da população cabo-verdiana. No entanto, como o conto nos traz um contexto anterior à essas práticas educativas, observamos a voz do narrador do conto que sintetiza a opinião do senso comum acerca do corpo, do desejo e das práticas sexuais de uma criança que nem ao menos entendia o seu propósito de ser e estar no mundo:

Decididamente, Catarina não era nem podia ser um objeto de desejo de alguém. Porque não tinha nada, absolutamente, nada, que pudesse despertar o desejo carnal de alguém. A bem da verdade, ela sequer tinha sexo – de tão menina que era, Catarina tinha ainda uma caixinha, o sexo estava ainda por crescer e aparecer (MONTEIRO, 2009, p.82)

Para além da construção corporal da garota, nota-se inclusive um desprezo do narrador em relação à sua construção corporal e intelectual: “Era uma criança feia. Muito feia, rainha de feia. (...) A feiúra de Catarina era extensiva à alma, ao espírito, à mente. Não era uma menina esperta – era mesmo burra, a roçar, a doença” (MONTEIRO, 2009, p.82). Há uma gradação de ofensas, que vai se intensificando, o que, de certa forma, contribui inclusive para destitui-la de qualquer aspecto que lembrasse humanidade naquela figura acanhada e assustada com as agruras do mundo.

Mas as mesmas ofensas que recaem sobre Catarina, voltam-se contra sua mãe também. O narrador justifica os aspectos negativos na constituição de Catarina como sendo aspectos genéticos. A filha, de certa forma, seguiria e perpetuaria o ciclo iniciado pela mãe. Esta que dera à luz dez filhos, sendo que sete vingaram e Catarina ocupava a terceira colocação dentre seus rebentos, herdando todos os atributos negativos da mãe: “De modo que, em termos de cabeça, da frescura e da alma, puxou à mãe – era feinha por dentro e por fora” (MONTEIRO, 2009, p. 83).

A família de Catarina era uma típica família cabo-verdiana, constituía-se ao redor de figuras femininas, seus filhos e outros parentes que se agregavam ao cotidiano da casa. Muito pobres, os espaços da casa eram compartilhados por todos, sem intimidade ou individualidade que lhes garantisse o mínimo de privacidade. Não é à toa que a questão da gravidez de Catarina

tenha se tornado um evento público, passível de julgamentos e condenações pelos vizinhos e parentes.

Ela simplesmente não conseguia raciocinar diante de tanta informação, era bombardeada de perguntas e ofensas. Quando, enfim, permitem-lhe respirar e se dispõem a ouvi-la, consegue verbalizar como havia conseguido se certificar da gravidez e quem seria o pai da criança: Betinho de Nhô Papá. Diante de tanta violência, a criança começa a chorar:

Não aguentando mais o choro de Catarina, capaz de cortar pelo meio qualquer coração humano, o tio, explodindo uma “puta de merda, ainda choras!”, arrancou para o quarto, feito um furacão destruidor, voltou de lá, mais rápido e com os olhos botando faíscas, com um cavalo-marinho adquirido no Supra, com o qual tencionava bater Catarina. Aliás, aplicou-lhe duas vergadas nas costas, que se abriram em sangue e ferida. O pai, erguendo-se de forma tão abrupta que a cadeira se estatelou no chão, quando se julgava que ia impedir o tio de bater na filha, alçou o punho cerrado e lançou e lançou um petardo em direção à cara de Catarina, atingindo-a na boca (MONTEIRO, 2009, p.86).

O ciclo de violência teria se estendido se não fosse a intervenção da tia em socorro de Catarina. A garota era vítima de todas as violências que o universo masculino poderia lhe proporcionar e, a reação, aparentemente infundada do tio, ao fim do conto ganha outros contornos, já que, de acordo com o narrador

o mais inconformado era o tio e o seu radicalismo não o aconselhava a considerar a hipótese de Catarina continuar morando com eles nem por mais um dia, quanto mais para aguentar mais tempo, até que uma solução justa fosse encontrada. Se não podia abortar, em sua casa é que a putinha de merda não podia parir. (MONTEIRO, 2009, p.87).

Samy, o tio de Catarina, tinha muita influência sobre a família, pois, de certa forma, era o esteio financeiro deles. Sua decisão de não ter duas bocas a mais para sustentar teve um impacto muito significativo na decisão de levarem-na para ser cuidada pelos pais do rapaz que a engravidara.

O narrador segue conduzindo o leitor, a fim de demonstrar sua visão acerca da família de Betinho, o pai do filho de Catarina. Aos poucos, mostra que a grande figura da família, responsável inclusive pela manutenção da ordem simbólica do patriarcado cabo-verdiano é a mãe, Mimi:

Ela própria encorajou o filho a comer aquela menininha desnutrida. O filho não tinha culpa de nada. Catarina é que ia lá entregar a cabeça. Não tinha nada que ir tentar o filho. Ele tinha que mostrar que é homem. Que cada um guardasse a sua cabra, porque o seu bode, ela criava-o livre e sem cabresto. A cabrinha precisava de um bom bodeco, e o seu filho mostrou-lhe que é um homem de verdade (MONTEIRO, 2009, p.89).

Betinho tinha “dezenove preguiçosos anos”, era bastante imaturo, quem assumia sua educação sentimental era a mãe. Ela não apenas sabia da indolência do filho, como legitimava e acobertava práticas criminosas do filho. Ele não foi capaz de enfrentar suas responsabilidades diante da família de Catarina e quando é chamado a responder por seus atos, esquiva-se sob a proteção da mãe: “Pensou logo, estou fodido e mal pago, ela está grávida e vem cobrar-me. Olhou com angústia para a mãe, pedindo socorro” (MONTEIRO, 2009, p.90).

A intensidade do crime cometido pelo jovem homem só aumenta, em razão das artimanhas de que lançara mão para seduzir a pobre Catarina. Após ouvir boatos de que a garota saía com todos os homens do mercado Sucupira, Betinho resolveu tirar vantagens dessa situação. Por diversas vezes, dá em cima da garota, que o rejeita. Até que, em uma dessas investidas, valendo-se da situação de miséria em que ela se encontrava, convence-a de ir até sua casa receber o dinheiro de alguns pasteis que o rapaz havia comido e, malandramente, arquitetar não pagar, para convencer a pobre garota a acompanhá-lo:

Quando chegaram a casa do moço, a mãe encontrava-se no quintal. Inteirando-se do que a menininha ia lá fazer, fez ouvidos moucos, quando, daí a pouco, depois de o filho ter fechado a porta do quarto à chave, ela começou a gritar por socorro por que Betinho queria fazer tal coisa com ela – foi violada naquela casa pelo filho da mulher que se encontrava a dois passos, mas não fez o mínimo gesto para evitar o sucedido. A única coisa que fez foi entregar à menina chorosa e triste para além do dinheiro para pagar os pastéis que o filho comera, mais cem escudos, para adocicar a infância sofrida (MONTEIRO, 2009, p.90).

Mãe e filho tornaram-se cúmplices em um crime silencioso. Aquela, aliviada por conseguir que seu filho exercitasse seu papel na ordem simbólica da masculinidade, esqueceu-se de seu papel de mulher, ou melhor, exerceu seu papel de mãe na pedagogização do sexo do filho, legitimando sua atuação no campo da masculinidade hegemônica. Dessa forma, é Mimi quem exerce o papel mais importante na legitimação da ordem simbólica da masculinidade. No entanto, diferenciam-se em relação ao compromisso ético que estabelecem no cuidado com os filhos.

Uma das hipóteses que podemos levantar diante dessas mulheres que legitimam o papel dos homens no seio da masculinidade, talvez seja a condição social. Mimi, que dividia o fardo da “educação” de seu filho com o marido pode apenas se preocupar em ser a mãe que tenta auxiliar, simbolicamente o filho a se dissociar de sua figura, buscando constituir sua masculinidade em cima de violências contra as mulheres. Paradoxo, muitas vezes sustentando pelas mulheres, como pontua Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (BOURDIEU, 2010, P.44-45).

Já sobre o estupro, não carece de maiores explicações a torpeza da ação do rapaz Betinho, que continuo em sua ação criminosa durante algum tempo, com a legitimação de sua mãe. Esta que, maquiavelicamente, para livrar o filho de uma denúncia policial, resolve acolher a garota em casa, mesmo contra a vontade do pai de Betinho. Mas esse acolhimento não durou muito. A família de Betinho, acusando a garota de deitar-se com muitos outros homens, resolveu manda-la de volta para a casa de seus tios, sendo tratada sem dignidade alguma.

Recorreu aos tios, foi rechaçada. Foi atrás de sua mãe, também foi rechaçada. Sua mãe, de um modo bastante grosseiro, disse que nem para prostituir-se serviria, afinal de contas estava grávida.

Sem ter para onde ir, prostra-se na rua, triste e chorosa. Até que um grupo de crianças, ao vê-la naquela situação, curiosas, passam a animá-la e dizem que vão leva-la para a casa de Vovó. Esta, generosamente a acolhe e cuida. Catarina segue trabalhando com a venda de pasteis e guloseimas na feira e o único momento em que se sentia menos indesejada, era quando brincava com as outras crianças. Seu caso continuava a perturbar Vovó. Até que:

Quinze dias depois de estar hospedada em casa de Vovó, que não sabia que rumo dar à vida da Catarina, a história dessa menininha chegou aos ouvidos de alguém do Instituto Cabo-verdiano de Menores, que, depois de consultar um seu jurista, desencadeou uma série de iniciativas conducentes à proteção de Catarina (MONTEIRO, 2009, p.99).

Com a entrada em cena do Estado, passaram a buscar os responsáveis legais que pudessem cuidar da garota. No entanto, seu pai havia emigrado para Portugal e sua mãe não tinha condições de cuidar nem dela mesma. Foram atrás também do garoto Betinho, a fim de confirmar a legitimidade da paternidade, que foi confirmada.

Com a entrada em cena do judiciário, obviamente, a questão não ficaria apenas no campo do assistencialismo. Diante de tantas violações, a garota necessitava de acolhimento do Estado e de justiça:

Em pouco tempo, Bentinho sentava-se no banco dos réus e respondia pelo crime de violação da menor Catarina Sanches Mendes, então com treze anos e mãe de uma bebê de um mês e meio. Betinho foi condenado a oito anos de prisão, mas o Supremo Tribunal de Justiça, ao apreciar o recurso, baixou a pena para quatro anos, atendendo a que o preso teria de, num futuro próximo, arcar com as despesas de Catarina e filha, que os pais chamaram a si, quando o Tribunal deliberou fixar uma pensão para as duas (MONTEIRO, 2009, p.100).

A sorte de Catarina estava mudando e o Estado fazendo justiça a uma garota que sofreu todo o tipo de violência, modificando assim a construção subjetiva de que a pobre garota fosse descartável, como sugeria o título do conto. No entanto, ao fim da narrativa, a principal justiça que é feita, é a prisão de Samy, o tio de Catarina que não a queria grávida em sua casa:

Samy estava preso por violação de uma menor. Sim, foi ele o primeiro que usou a Catarina, tinha ela pouco menos de nove anos. Por esta razão, ele se opusera, terminantemente, a que o caso de Catarina fosse levado ao Tribunal, com medo de que fosse descoberta a verdade. O que, de resto, viria a acontecer (MONTEIRO, 2009, p.100).

Esse conto ilustra muito bem fatos do cotidiano cabo-verdiano em que a violência sexual contra crianças muitas vezes é praticada dentro de casa, por pessoas conhecidas e da família. Evelise da Graça Lopes Barbosa, em sua dissertação de mestrado, discutiu a violência sexual em Cabo Verde, fazendo uma análise diagnóstica e constatou que:

Os achados deste estudo comprovam que a maioria dos agressores são pessoas conhecidas das vítimas referente a 71,4%, dentre eles 31,5% possuem algum vínculo familiar com a vítima como pai, irmão, avô, tio, primo etc. O restante correspondente a 39,9%, eram amigos da vítima ou da sua família, vizinhos ou conhecidos do mesmo bairro. Os agressores desconhecidos das vítimas representavam 21,9%. Pertinente considerar que cerca de 22% residiam com a vítima, pois o lugar onde devia ser de proteção e cuidados passa a ser lugar de reprodução de violências, ignorando as suas consequências tanto para vítima quanto para família (BARBOSA, 2016, p.73)

Como é possível perceber a partir dos dados levantados por Barbosa, a violência sexual acontece na maioria das vezes no ambiente doméstico e o modelo familiar encontrado em Cabo Verde, ao invés de dar segurança às crianças, acaba sendo um grande desafio ao cuidado. Nesse sentido, convém reforçar a importância das práticas educativas desenvolvidas a partir da Segunda República, visando a uma maior dignidade e qualidade de vida, sobretudo às mulheres.

Conclusão

A partir da leitura dos contos de *Na roda do sexo*, foi possível pensar a dinâmica da família cabo-verdiana e as suas contribuições para ação do dispositivo da sexualidade, tal qual enunciado por Michel Foucault. Talvez, o que a literatura cabo-verdiana tenha para contribuir para a ampliação das discussões do dispositivo identificado pelo filósofo francês esteja relacionado à violência.

A dominação masculina e o controle institucional das famílias sobre os corpos e as subjetividades dos indivíduos que se encontram circunscritos a essa instituição, ou àqueles que questionam os limites da atuação delas, sofrem imediatamente as devidas sanções com muita violência. Samira, Catarina e Jô-Ana são exemplos dessas ações perversas que, mesmo quando as personagens parecem ter um final feliz, este, na verdade, é uma punição pela condição de gênero e da sexualidade das personagens.

Ainda que o Estado esteja atuando na promoção da igualdade e do bem-estar das mulheres cabo-verdianas, há elementos estruturais e estruturantes daquela sociedade que corroboram essa estrutura de dominação masculina, materializada nas múltiplas violências, tanto as simbólicas, quanto as físicas.

Referências

BARBOSA, E. G. L. *Violência sexual em Cabo Verde: uma análise diagnóstica*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP.

BLAY, E. A. *Direitos humanos e homicídio de mulheres*. Projeto de Pesquisa Integrada apoiado pelo CNPq. Concluída em 2003. ainda não publicada. Resumo dos dados encontra-se na página do NEMGE.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

FERREIRA, C. S. T. S. *Maternidade na Adolescência Cabo-verdiana, Perspectiva Social e Cultural no Bairro Cova da Moura*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Saúde Global). Escola de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2015

FORTES, C. Casa sem homem é um navio à deriva: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal. In: FORTES, C. *Anuário Antropológico*. 2014, Brasília, UnB, n. 2, 2015, p. 151-172, v. 40.

FORTES, C. Teorias que servem e teorias que não servem: dinâmicas familiares e de gênero em Cabo Verde e os desafios da importação teórica. In: LOBO, A; BRAZ DIAS, J. (org.). *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações; Letras Livres, Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2016.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOMES, S. C. Mulher com paisagem de fundo: Dina Salústio apresenta Cabo Verde. In: SEPÚLVEDA, M. C.; SALGADO, M. T. *África & Brasil: Letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, p. 113-132.

LUGARINHO, M. C. *O homem e os vários homens: masculinidades nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. 2012. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MONTEIRO, F. *Na roda do sexo*. Cidade da Praia: Saco Edições, 2009.

VILLELA, W. V.; LIMA, R. W.; BRITO, C. F. O Programa Nacional de Saúde Reprodutiva de Cabo Verde: alcances, limites e desafios. In: VILLELA, W. V.; LIMA, R. W.; BRITO, C. F. *SciElo Brasil*, Ciência, saúde coletiva. n. 11, 2018, p. 3631-3636, v. 23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Yp7g8FppVc9jFDHktJPrMRy/?lang=pt>

Living up Capeverdianly: an analysis of the sexuality device in *Na roda do sexo*, by Fernando Monteiro.

Abstract: The narratives of *Na roda do sexo* (2009) by Fernando Monteiro bring a very complex dimension of *living up capeverdeanly*, exploring the Family and affections universes as well as the dynamics of gender and sexuality under explored by African Literature in the Portuguese language. These representations, at the same time reinforcing the existence of a sexuality device to regulate the dynamics of population and investing against life considered as a species and political body, materialize the uniqueness of these actions in the form of violence. In this essay, genderviolence – mainly the one that affects women by male domination – is addressed from the readings of the Monteiro’s short stories “Onde está Samira”, “Ponto-final” and “Descártavel”. The objective of the essay is then to demonstrate

how two movements presented in Cape Verdean Literature, simultaneous and non-exclusive, bring new subjectivities to the universe of literary representations, such as gays, lesbians, transvestites and emancipated women, but also reinforce the types of symbolic and physical violence suffered by those who dare to be different. Even so, it is Worth mentioning that this critique of the sexuality device, as enunciated by Michel Foucault in his *História da sexualidade: a vontade de saber*, supports the literary analysis carried out at the interface between Literature and Sociology as two systems of representations mutually implicated.

Keywords: contemporary Cape Verdean Literature. gender violence. Fernando Monteiro. *Na roda do sexo*. sexuality device.

Recebido em: 20 de maio de 2021.

Aceito em: 28 de junho de 2021.